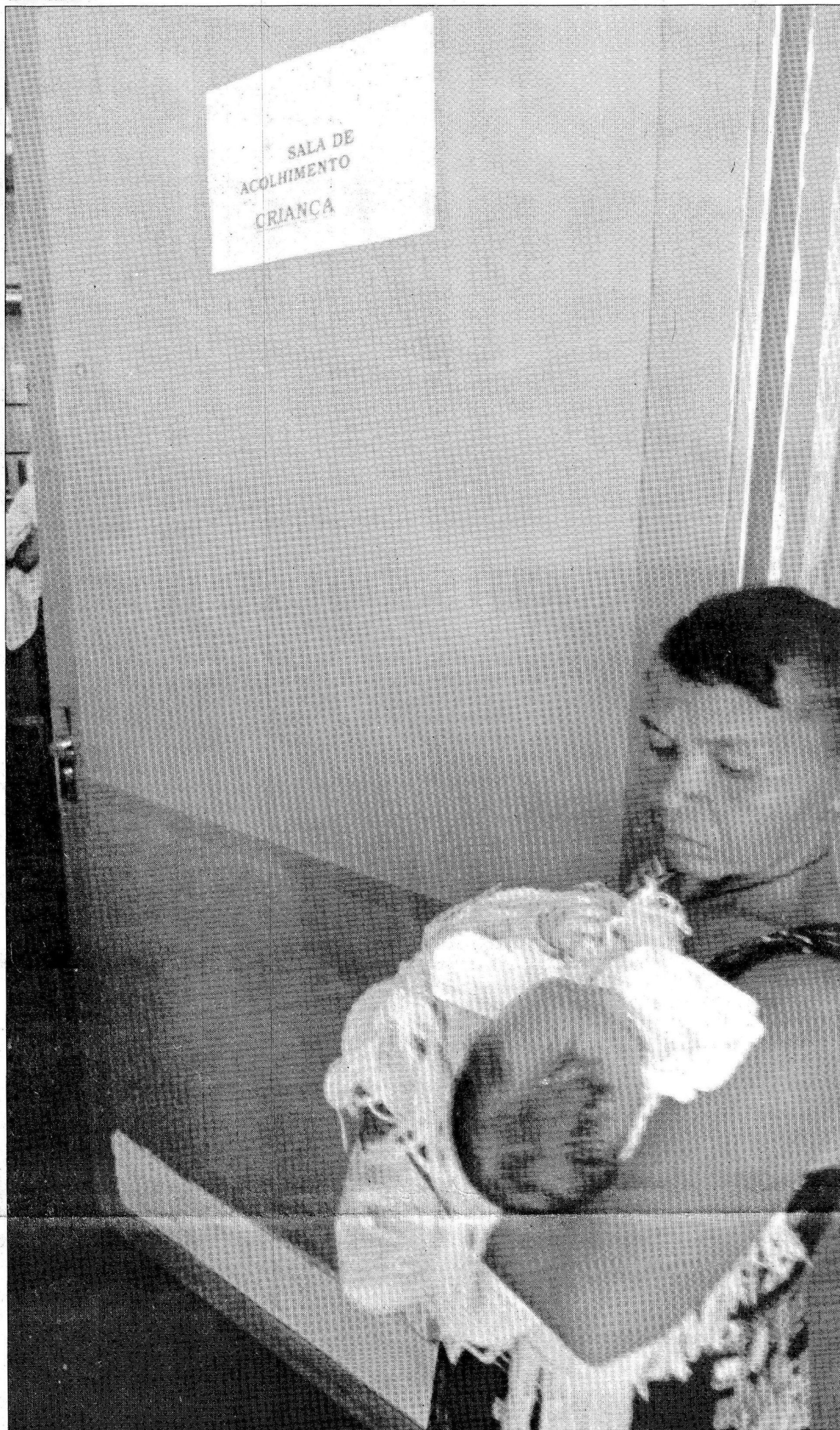


Planaltina enfrenta drama da saúde ^{DF}

Carlos Eduardo



Severina Reis há dois anos tenta receber o resultado de exames que dirão se ela tem pressão alta e doença de Chagas

Centro nº 2 funciona com dois clínicos. Pacientes esperam durante quatro horas para saber se têm direito a consulta

Luiz Roberto Fernandes
Da equipe do Correio

Todas as terças-feiras o drama se repete. São cenas de dor, raiva, desespero e impotência. Mais de uma centena de pessoas — em média 140 — se aglomeram às 7h na sala de acolhimento do Centro de Saúde nº 2 de Planaltina para assinar o livro. Em uma folha de papel, eles colocam dados pessoais e o motivo que os levou a procurar atendimento.

Alguns nem chegam a entrar na sala e já tomam o rumo de casa. Outros entram, registram seus casos e aguardam até 11h, horário em que as auxiliares de enfermagem já decidiram as prioridades. A maioria recebe ordem para voltar outro dia.

A diarista Diva Gomes de Assis, 33 anos, vivenciou essa situação. “Inchada dos pés a cabeça”, como ela mesmo faz questão de frisar e mostrar, vinha tentando inutilmente ser atendida no centro há mais de uma semana. Ontem, enfim, conseguiu uma consulta. Ela estava na fila desde 6h.

“Agora vou ter que fazer uma bateria de exames e pagar do meu bolso”, dizia irritada com a precariedade do sistema. “Depois disso tenho que voltar aqui, mas o problema é que o clínico não marcou meu retorno”, completou.

Ela diz que a irmã que não agüentou essa espera angustiante. “A Vilma morreu à míngua”, conta Diva. “Ela vinha aqui todos os dias, mediam a pressão e a mandavam embora”, completa.

Maria Severina Reis já perdeu as contas do número de vezes que foi ao Centro de Saúde nº 2. Há dois anos, fez exames para se certificar se tinha pressão alta. Um médico chegou a dizer que ela poderia estar com doença de Chagas. Severina nunca recebeu o resultado dos exames. Há um mês foi ao posto novamente e nada. “Deixei minha filha bem cedo no Caic e vim aqui de novo”, disse ela ontem, resignada.

FALTA DE MÉDICOS

O chefe do Centro de Saúde nº 2, Sérgio Silva, explica: “Temos apenas dois clínicos gerais que só atendem na terça-feira. Para piorar, os dois nem são lotados aqui. Vêm emprestados de um hospital”, diz.

Poderia ser pior ainda, não fosse o fato de Sérgio atuar como clínico, além de cumprir suas funções administrativas. “Atendo cerca de 15 pacientes por dia”, diz.

O médico critica o programa de Reformulação do Modelo de Atenção à Saúde (REMA), que foi implantado para evitar a superlotação dos atendimentos de emergência dos hospitais. De acordo com a proposta, o paciente deve seguir primeiramente para os centros de saúde, para só depois ser encaminhado — se for necessário — às emergências dos hospitais. “A idéia do Rema é muito boa, mas faltou a preocupação com a infraestrutura”, alerta Sérgio.

A falta de treinamento dos funcionários da saúde também é apontada pelas auxiliares de Enfermagem como um fator que dificulta a agilidade do processo de atendimento.

“Foi tudo muito rápido. Não tivemos nenhum tipo de treinamento ou instrução para lidar com essa nova realidade”, afirmam em uníssono.

DOR NO PEITO

Arielma Pereira Soares tenta uma consulta no centro nº 2 desde a semana passada. “Estive no pronto-socorro, mas lá falaram que devia passar antes por aqui”, conta mostrando a pele marcada pela alergia. “Há uma semana que tento ser atendida mas não consigo”, diz.

O maior problema para Arielma, assistente de limpeza da Fundação Educacional, é explicar para o chefe que o motivo de estar faltando ao trabalho é a impossibilidade de resolver seu problema de saúde. “Venho todo dia para tentar ser atendida, estou quase desistindo. Só quem não trabalha é que tem tempo par ficar atrás de vaga”, afirma.

Apesar de sentir uma forte dor no peito, Débora Saraiva do Santos, não consegue ser atendida. Sua rotina há dez dias é a mesma. Sai andando do Buriti III — bairro de Planaltina — para tentar a sorte no centro nº 2. “O máximo que fizeram até agora foi dar uma olhada no meu estado e passar alguns remédios”, revela. Como não tem condições de comprar os remédios que o centro deveria fornecer, dona Débora vai levando sua dor no peito como pode. Até o dia em que a dor for mais aguda.